

Viajar com Jorge de Sena

SUSANA L. M. ANTUNES*

Introdução

Desde a Antiguidade até aos dias de hoje, a viagem tem sido apanágio da existência humana nas suas múltiplas concretizações. Materializada na noção de deslocação, movimento e errância, a viagem tem-se revelado companheira incondicional do devir da Humanidade ao longo do seu itinerário histórico-sócio-cultural-espiritual, testemunhando diferentes deslocações, movimentações e errâncias ao longo da História da Humanidade. Mediadora do mundo, a viagem constitui-se também como o reflexo da relação privilegiada do movimento corporal do Homem no tempo e no espaço e, por conseguinte, o reflexo de formas de pensar daí resultantes, proporcionando-lhe oportunidades para criar novos sentidos de lugar e de espaço. Aproximando-nos do interesse que o estudo do espaço e as especificidades que o rodeiam têm suscitado nas diferentes áreas de estudo, sabemos que os modos com os quais o ser humano se relaciona com os diferentes espaços também são fruto dos valores e das experiências afetivas vividas por quem o percorre, o sente e o vive. Neste contexto, Homem e viagem funcionam como duas entidades que se deslocam juntas, desenvolvendo dinâmicas essenciais para a materialização de cada uma delas como entidades autónomas. No trabalho de cooperação que desenvolvem, transcendem e proporcionam outras formas de aprendizagem, de inter-relações com outras culturas, com outros saberes e com outras formas de organização do pensamento. A plurissignificação que assiste a ideia de viagem física ou espiritual é assegurada pelas palavras de Beatriz Colombi, afirmando:

* University of Wisconsin-Milwaukee, EUA.
ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-2681-2173>. E-mail: antunes@uwm.edu.

La palabra *viaje* connota una multiplicidad de significaciones dispares, tales como conquista, ciencia, conocimiento, alteridad, exotismo u ocio. Al mismo tiempo, es usada para aludir a cualquier tipo de traslado, sea figurativo o real, y puede referir tanto a una travesía como volverse metáfora de la vida o de experiencias imaginarias. (Colombi 2010, 287)

A polissemia apontada por Colombi revitaliza-se com a intersecção de experiências que a viagem oferece, renovando o conhecimento, apelando à memória e aos sentidos, proporcionando amplitudes outras ao viajante, como esclarece Michel Onfray:

Le voyage fournit en effet une occasion d'élargissement des cinq sens: sentir et entendre plus vivement, regarder et voir plus intensément, goûter ou toucher avec plus d'attention — le corps émoi, tendu et prêt pour des nouvelles expériences, enregistre plus de données que d'habitude. [...] Émotion, affection, enthousiasme, étonnement, interrogation, surprise, joie et stupéfaction, tout se mélange dans l'exercice du beau et du sublime, du dépaysement et de la différence. (Onfray 2007, 51-52)

Fisiologicamente, os sentidos permitem a percepção do meio externo e, consequentemente, do meio interno assente num jogo de emoções resultantes de estímulos a que o ser humano é, constantemente, exposto. Entendidos como formas de abertura para o mundo, do resultado daquele jogo interativo, conquistam-se sensibilidades que engrandecem a vida humana, dignificando a linguagem das emoções. Conforme afirma Alfredo Bosi, “ao longo da História, os encontros do corpo humano com outros seres foram dando uma extrema ductilidade aos chamados ‘sentidos’ do organismo” (Bosi 1997, 58).

Como uma estrutura de intervenção no mundo, a viagem e, por conseguinte, a Literatura de Viagens têm testemunhado experiências, descobertas e reflexões que ficaram inscritas e escritas na História da Humanidade.¹

1 A título de exemplo, referimos a errância do povo judeu narrada n'A *Bíblia Sagrada*. Como sabemos, as errâncias de povos continuam a verificar-se nos dias de hoje pelas razões mais diversas. Para referência bibliográfica respeitante à expressão e conceito de literatura de viagem, veja-se Antunes 2020, 21-44.

Jorge de Sena em viagem

Neste contexto, Jorge de Sena (1919-1978), de ascendência açoriana pelo lado paterno, viveu diferentes viagens, em momentos distintos da sua vida, documentadas na sua escrita. Viajante incondicional, Sena teoriza sobre os conceitos de viagem de turista, de viajante e de exílio. Caminhante-errante por gosto e cidadão do mundo por vocação, Jorge de Sena devolve aos leitores a apreensão *sui generis* dos espaços físicos visitados, redimensiona-os, devolvendo-nos espaços multifacetados como resultantes das suas viagens a Portugal, África e Europa.

A dimensão e o interesse que o estudo do espaço suscita na poesia de viagem seniana perspectiva também a ideia de itinerância marcada pelo testemunho do viajante incondicional que Jorge de Sena foi ao longo de toda a sua vida.

Neste sentido, são cruciais as palavras do “Prefácio da Primeira Edição” a *Poesia I*² onde Jorge de Sena se autodefine “[...] como poeta, como ser humano, como cidadão, como pessoa politicamente envolvida e sempre independente [...]”, refletindo, simultaneamente, sobre a ideia de fingimento e de testemunho:

Se o “fingimento” é [...] a mais alta forma de educação, de libertação e esclarecimento do espírito enquanto educador de si próprio e dos outros, o “testemunho” é [...] a mais alta forma de transformação do mundo, porque nele, com ele e através dele, que é antes de mais linguagem, se processa a remodelação dos esquemas feitos, das ideias aceites, dos hábitos sociais inconscientemente vividos, dos sentimentos convencionalmente aferidos. [...] Como um processo testemunhal sempre entendi a Poesia [...]. Uma intencionalidade se me insinuou [...]: explicitar aspectos dominantes do itinerário espiritual da testemunha que me considero de mim mesmo e do meu mundo. (Sena 1988, 67)

Considerando-se “definitivamente embarcado na condição de andarilho” (Sena 2004, 4; e 1989a, 13), Jorge de Sena assimilou aquelas condições como o leitmotiv da sua vida, como indicam os breves dados biográficos selecionados, os quais embora conhecidos, são aqui realçados para testemunharmos como a vida de Jorge de Sena foi continuamente marcada pelo signo da viagem:

2 3ª ed. Lisboa: Edições 70, 1988. Refiro que todas as citações de Jorge de Sena usadas no presente trabalho respeitam as opções ortográficas do autor.

1937: realiza a sua primeira viagem como cadete da marinha a bordo do navio-escola Sagres. Durante um ano de viagem no Sagres, visita o Brasil, Angola, São Tomé, Dakar, Madeira e as Canárias. A propósito desta viagem no Sagres, Mécia de Sena escreveu na “Introdução” a *Diários*: “A visita às Canárias foi um passo decisivo na vida de Jorge de Sena, do ponto de vista do esclarecimento político [...] e até, digamos, humano, já que a experiência de breve convívio que a estadia lhe proporcionara se lhe manteria viva para o resto da vida [...]” (Sena 2004 e 268). A atestar as palavras de Mécia de Sena, referimos o conto “A Grã-Canária” que integra a coletânea de contos *Os Grão-Capitães – uma sequência de contos*.³

1952: primeira viagem a Inglaterra, visitando no regresso, pela primeira vez, a França e a Bélgica.

1957: regressa a Inglaterra para um estágio sobre betão armado na condição de engenheiro civil.

1959: autoexílio no Brasil.

1965: Estados Unidos da América depois do golpe militar de 1964 no Brasil onde se tornou Professor Catedrático na University of Wisconsin-Madison.

1965: viagem à Europa — Inglaterra, França, Espanha, Alemanha, Áustria, Holanda, Bélgica, Itália e Portugal.

1970: Professor Catedrático na University of California, Santa Barbara, onde exerceu as suas funções até 1978.

1971: Europa onde passa a ir todos os anos até 1977, com exceção do ano de 1975.

1972: revisita Angola, Grécia e Itália, visitando pela primeira vez a União Sul Africana e Moçambique.

1973: Inglaterra e Paris.

1976: Florença, revisita Veneza, Portugal e a Inglaterra.

1977: Sicília, França, Espanha, Inglaterra e Portugal; no 10 de junho discursou na Guarda a propósito das “Comemorações do Dia de Camões e das Comunidades Portuguesas”.

1978: morre em Santa Bárbara, Califórnia, Estados Unidos da América.

2009: última viagem de Jorge de Sena desde Santa Bárbara, para o Cemitério dos Prazeres, Lisboa.

Jorge de Sena, viajante incondicional, teorizou também sobre a ideia de viagem em “Crónicas de Viagem”,⁴ nos livros *Diários*, nos “Prefácios” e

3 5ª ed. Lisboa: Edições 70, 1989. A propósito, veja-se Igrejas 2017.

4 Textos que Jorge de Sena escreveu entre maio de 1959 e abril de 1978 reunidos em Sena 2011.

“Posfácios” que acompanham *Poesia I*, *Poesia II* e *Poesia III* e em artigos de jornais datados de 1949 e 1951, como podemos observar nas imagens abaixo (fig. 1 e 2):



- 1 “Prazeres Poéticos de Viajar”. *O Primeiro de Janeiro*, das Artes e das Letras, 3 de agosto, 1949: 3. © *O Primeiro de Janeiro*.
- 2 “Cultura e Viagens”. *O Primeiro de Janeiro*, das Artes e das Letras, 8 de agosto, 1951: 3. © *O Primeiro de Janeiro*.

A noção de viagem agregada aos conceitos de exílio, de turista, de viajante e de testemunho (Antunes 2020, 21-68) também encontra terreno fértil na escrita de Jorge de Sena, nomeadamente na poesia de viagem onde se inserem os poemas de viagem e os poemas-errância. No escopo deste trabalho, deter-nos-emos na poesia de viagem apenas ao que consideramos ser o poema-errância.

Caminhar com Jorge de Sena

Falar de viagem é também falar de caminhar, um dos modos fundamentais de que o homem sempre dispôs para se relacionar com o espaço social e cultural. Se na pré-História o sedentarismo foi essencial para a evolução da espécie humana, a ideia de caminhar e errar remonta à História da Humanidade, a qual tem testemunhado longas caminhadas erráticas e que ainda acontecem nos dias de hoje, basta estarmos atentos às informações que nos chegam diariamente através dos meios de comunicação social. Acresce ainda que, com o advento da Modernidade, a cidade se instituiu como um novo espaço propício à errância e como palco onde múltiplas emoções ocorrem. Da apreensão do espaço-cidade e da forma como a sua presença aconteceu na literatura, surgem também novas formas de contacto entre o caminhante-errante e o espaço experimentado.

Inerente à ideia de caminhada, refiro o texto do poeta norte-americano, Archie Randolph Ammons, intitulado “A Poem is a Walk”, um texto apresentado no “International Poetry Forum”, sediado em Pittsburgh, em abril de 1967, e publicado um ano mais tarde na revista *Epoch* 18 (Fall 1968). Na proposta de Ammons, é estabelecido um paralelo entre a caminhada real e/ou fictícia e o poema. Desta forma, o poema será como o movimento da caminhada, ou seja, a exteriorização de uma busca interior no sentido de que, quer o caminhante, quer o poeta, ambos partem de uma necessidade intrínseca que se expressa ou materializa sob a forma de um poema ou sob a forma de uma caminhada. Quer no poema, quer na caminhada a necessidade de deslocação real e/ou fictícia do poeta e do caminhante implica sempre o movimento do corpo e da mente. Para Ammons, embora poema e caminhada sejam entidades completamente distintas, o poeta norte-americano propõe a ideia de correspondência entre poema e caminhada baseada em quatro aspetos comuns fundamentais, a saber: ambos fazem uso do corpo e da mente num envolvimento total; ambos são irreproduzíveis; ambos traçam idas e voltas que dão forma quer ao poema, quer à caminhada; em ambos se manifesta o movimento. Apreendendo a caminhada como a externalização de uma busca interior, considerando a jornada o protótipo da caminhada por excelência, para Ammons “[...] the motion occurs only in the body of the walker or in the body of the words. It can't be extracted and contemplated. It is nonreproducible and nonlogical. It can't be translated into another body. There is only one way to know it and that is to enter into it” (Ammons 1968, 118).

Por outro lado, cidade e caminhante-errante edificam espaços de vida preenchidos que, segundo Paola Berenstein Jacques funcionam como “[...] o antídoto à espectacularização (das cidades). Somente através de uma

participação efetiva o espaço público pode deixar de ser cenário e se transformar em verdadeiro palco urbano: espaço de trocas, conflitos e encontros” (Jacques 2012, 16-19). Atenta ao processo de gentrificação que se tem vindo a observar nos espaços urbanos transformando-os em espaços para turistas, Jacques afirma ainda que as errâncias urbanas são “[...] um elogio da valorização de um tipo de experiência cada vez mais rara nas cidades: a experiência urbana da alteridade” (*Ibidem*, 11).

Ampliando a interação entre caminhada e poema proposta por Ammons e as inter-relações entre cidade e caminhante-errante, Roger Gilbert, no livro *Walks in the World: Representation and Experience in Modern American Poetry*, propôs o conceito de “walk-poem” que Francisco Cota Fagundes traduziu para “poema-errância”⁵ e que se constitui como um conceito proporcionado pelo encontro do caminhante-errante com as circunstâncias subtis e criadoras que acontecem no espaço urbano. Neste sentido, enfatizamos algumas ideias relativamente ao poema-errância: acontece no espaço urbano, é o resultado de um encontro circunstancial entre o caminhante-errante e as subtilezas da vida e, simultaneamente, criador porque daquele encontro resulta o poema. Como aponta Cota Fagundes, a definição avançada por Gilbert não é uma definição limitante (Fagundes 2016, 252), mas apresenta a maleabilidade necessária para se poder trabalhar um conceito tão *sui generis*.

Sem pretender isolar o poema vivencial ou do “eu” do poema testemunhal ou do(s) outro(s), Francisco Cota Fagundes considera o poema-errância “[...] um subgénero do poema vivencial e testemunhal, isto é, poema inspirado em vivências experimentadas ou testemunhadas, em oposição a um poema baseado em matéria confeccionada ou inventada” (*Ibidem*, 253). Na sua conceção é ainda importante destacar a ideia do fenómeno da errância como “[...] um dos conceitos básicos da poética de Jorge de Sena [...], um elemento estrutural e temático neste tipo de poema” (*Ibidem*, 253), esclarecendo que a ideia de “elemento estrutural” se observa, em alguns poemas, no sentido de que o poema acompanha explicitamente a caminhada do sujeito poético. Por outro lado, constitui-se como um “elemento temático”, uma vez que “[...] o próprio andar é tematizado em alguns poemas e, quando o não é, a sua substância parafraseável tende a ser fruto de verbalizadas perceções, dos pensamentos ou reflexões ocorridos durante a caminhada” (*Ibidem*, 253), permitindo, na nossa perspetiva, abertura de espaços outros para se pensarem outras errâncias a par ou em simultâneo com a errância física, nomeadamente a errância espiritual.

5 Veja-se Fagundes 2016.

O poema-errância está assim idealmente situado para registrar os choques subtis de mundos e cenários em processos do pensamento aparentemente autônomos. Como subgênero do poema vivencial e testemunhal, o poema-errância enfatiza a inelutável dependência do geral no particular, do abstrato no circunstancial, como afirma Roger Gilbert:

The walk poem is thus ideally situated to register the subtle impingements of a world, a setting, upon the apparently autonomous process of thinking. It is an intricate dialectic between perception and reflection that the walk poem finds its center; as a genre it emphasizes the ineluctable dependency of the general to the particular, the abstract to the circumstantial. (Gilbert 1991, 11)

Neste contexto, o pensamento revela-se não como o apropriar da experiência, mas como o produto dela, circunscrito pelas limitações temporais e espaciais do próprio corpo.

É, essencialmente, nos livros *Perseguição*, publicado em 1942, e *Coroa da Terra*, de 1946, que encontramos a poesia urbana de Jorge de Sena resultante das suas deambulações pelas ruas da cidade do Porto. Destas errâncias senianas, circunscritas pela ideia de testemunho e de sentir o mundo, considero o poema-errância seniano interventivo, denso e grotesco. Interventivo porque denuncia realidades escamoteadas; denso porque do encontro entre Jorge de Sena e as subtis circunstancialidades dos mundos com que se cruza, resulta a devolução de reflexões compactas do poeta-testemunha. Neste sentido, as palavras de Sophia de Mello Breyner Andresen são clarificadoras ao estabelecer um paralelo entre poema e vida concreta:

[...] o poema não fala de uma vida real mas sim de uma vida concreta: ângulo da janela, ressonância das ruas, das cidades e dos quartos, sombra dos muros, aparição dos rostos, silêncio, distância e brilho das estrelas, respiração da noite, perfume da tília e do orégão. [...] O verso é denso, tenso como um arco, exactamente dito, porque os dias foram densos, tensos como arcos, exactamente vividos. (Andresen 1990, 87)

A legitimação da ideia de grotesco no poema-errância acontece porque nos são oferecidos elementos que congregam a ideia de grotesco ao depreender-se o repentino, a surpresa e o pânico perante a vida, conceitos que encontram correspondência nas palavras de Wolfgang Kaiser:

Lo repentino y la sorpresa son términos que pertenecen a lo grotesco. En la literatura esto se muestra en forma de escena o de imagen en movimiento. [...] No se corresponde con lo grotesco el miedo a la muerte, sino el pánico ante la vida. Y a la estructura de lo grotesco pertenece la abolición de todas las categorías en que fundamos nuestra orientación en el mundo. (Kaiser 2010, 310)

Neste contexto, selecionamos os poemas “Esgoto” (25/5/1942) e “Dia de Sol” (20/2/1944), do livro *Coroa da Terra* (1946), obra que Jorge de Sena dedica “À cidade do Porto onde este livro foi, na sua maior parte, vivido e escrito [...]”, incluída em *Poesia I* (pp. 93 e 97, respetivamente). Os poemas acima referidos, identificados por Francisco Cota Fagundes como poemas-errância, apresentam as características que adicionamos à ideia de poema-errância: denso, interventivo e grotesco resultantes do encontro entre Jorge de Sena e a cidade do Porto, “imensa, troglodita, ambiciosa” (“Cidade” in Sena 1988, 93).

Iniciamos esta errância com o poema “Esgoto”, o qual se apresenta arquitetado em quatro partes:

I

Crianças pálidas que brincam no esterco da rua
como se o esterco fosse a perpetuação do Sol
qual Sol que superasse das paredes altas
em vão rodeadas pela mão da morte.

Alegremente o esterco toma formas náuticas;
um murmúrio de água incita-o com ternura,
um murmúrio no cano coberto de lages [sic] gastas,
um cicar de restos não comidos, restos diferidos, vidas não geradas.

A cidade, do alto, é silenciosa,
porque as vozes não passam entre os beirais tão próximos.
Gerarão as crianças quanta vida ouviram:
algumas serão homens.

Na designada parte I do poema “Esgoto”, é-nos dada a conhecer a situação circunstancial com que o poeta-caminhante-errante se depara. O primeiro verso, ao descrever “crianças pálidas que brincam no esterco da rua” denota o carácter interventivo ao denunciar a inumanidade da situação em que aquelas crianças brincam. Por outro lado, a densidade da imagem é exposta pela

linguagem compacta, direta e sem obstáculos, basta para isso pensarmos no emprego da palavra “esterco”, conotada com excrementos de animais em detrimen-
to, por exemplo, da palavra sujidade. Esta densidade da linguagem que torna a imagem explícita e, simultaneamente, repugnante nutre-se do teste-
munho real de Jorge de Sena que, durante a errância pelas ruas da cidade do Porto, se encontrou com uma realidade densa que não pretendeu tornar mais leve porque é necessário intervir, denunciando realidades que não deveriam existir. Ainda neste conjunto de quatro versos, é notória a presença da ideia de grotesco porque crianças a brincarem na rua no meio do esterco, perpetuado pelo sol, a superar paredes altas rodeadas pela mão da morte denotam o repen-
tino, a surpresa e o pânico perante a vida daquelas crianças, em particular. Que vida? Uma vida pressentida no “ciciar de restos não comido, restos diferidos, vidas não geradas” testemunhadas pelo silêncio do alto da cidade que desce aos homens.

Na parte II do poema, Jorge de Sena problematiza a ideia de verdade por entre o vento que desliza nas estradas humanas e que por isso nem as vozes são claras nem audíveis: “Para a verdade caminham corpos que a não conhecem / ou a conhecem apenas com nome trocado. / Assim desliza o vento pelas estra-
das humanas / entre as vozes das searas ondulando nele.” De novo, a interven-
ção no sentido de denunciar o não conhecimento da verdade através de um silêncio que se impõe. Por isso, na parte III e IV do poema, afirma:

III

Ergo-me aflito da miséria do mundo.
Não basta que me erga ao nível das grosseiras máscaras
ou dos cruzeiros ingênuos de onde houve um crime.

Um crime é esta vida, e a atraçoada cruz que lhe oferecem:
cruzeiro para povos que se entreolham trémulos,
para homens distantes (não vão eles viver...),
para mães que não têm a memória da carne,
para sinais do sangue de sacrifícios mal virgens,
para os poetas que buscam um contacto periódico...

IV

A miséria do mundo não existe,
nem o mundo existe:
andamos nós em bando sobre a terra.

Que o mundo é só a ignorância dos homens,
e a maior miséria dos homens só as palavras que os vivem.

Partindo do encontro com o circunstancial oferecido pelas crianças a brincarem no esterco, Jorge de Sena conduz a errância à análise acerca do mundo povoado pela ignorância dos homens e suas consequências. Neste sentido, a errância do caminhante proporcionou-lhe o encontro com uma realidade densa e grotesca, a qual lhe permitiu uma reflexão mais ampla acerca da realidade e da humanidade porque “tudo o que é humano me interessa”, afirmaria Jorge de Sena em entrevista conduzida por Frederick Williams, em 1978.⁶

O poema “Dia de Sol” também acontece no Porto, mais precisamente nas Fontainhas e ilustra, tal como o poema anterior, a ideia de poema-errância interventivo, denso e grotesco onde a surpresa e o pânico perante a vida em face daquela criança morta acontecem verso a verso:

Sob a teia de sombra de galhos outonais
passaram crianças,
guiando na aragem
a outra já morta.

Não era a mãe nenhuma das mulheres.
Falavam tranquilas;
quase não vivera,
tão pequeno ainda.

E o rio acima, iam subindo barcos,
hora a hora menores,
na distância tão grande, que alisava as águas.

Tal como no poema “Esgoto” a cidade revela-se indiferente às crianças a brincarem no esterco, em “Dia de Sol”, o rio e o sol também indiferentes ao cortejo fúnebre de crianças a conduzirem uma outra criança já morta, adensam a imagem com a qual o poeta-caminhante-errante se deparou. Também interventivo em “Dia de Sol”, Jorge de Sena devolve-nos um quadro perturbador, de escassas palavras o que torna o poema ainda mais cruel. A escassez das

6 *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, n.º 149, 14 de maio, 1985.

palavras deixa abertas possibilidades aos nossos sentidos para absorver o teor da mensagem em “Dia de Sol”, uma mensagem que poderá ser interpretada como uma crítica ao facto de estarmos perante uma criança morta — situação que deverá ser considerada anormal — guiada por outras crianças. E de novo, a pergunta: Que vidas a destas crianças? O desígnio interventivo de Jorge de Sena ao encontro do grotesco no poema-errância em questão pode ser dilatado a uma censura social, se partirmos ao encontro das palavras de Kayser, onde “[...] a la estructura de lo grotesco pertenece la abolición de todas las categorías en que fundamos nuestra orientación en el mundo” (Kayser 1991, 310). De facto, os quatro versos do poema “Dia de Sol” —

Sob a teia de sombra de galhos outonais
passaram crianças,
guiando na aragem
a outra já morta.

— desarmam alguns dos fundamentos da orientação do mundo: uma criança morta a ser conduzida no cortejo fúnebre por outras crianças. Kayser questiona: “¿Pero quién opera ese proceso de distanciamiento del mundo?” (Kayser 1991, 310). Estabelecendo uma comparação entre a ideia de absurdo e a ideia de grotesco, Kayser esclarece que o absurdo é composto por ações isoladas, “[...] acciones que amenazan con hacer saltar en pedazos los principios en los que se apoya el orden moral de nuestro mundo” (*Ibidem*, 311). Por outro lado, em relação à ideia de grotesco não se podem enunciar ações desenvolvidas internamente, nem de rutura da ordem moral universal. Trata-se, antes de tudo, “[...] del fracaso de la mera orientación física del mundo” (*Ibidem*, 311). No caso dos poemas “Esgoto” e “Dia de Sol”, poder-se-á ligar o grotesco seniano ao fracasso do contexto sociopolítico de Portugal, no caso específico, vivido nos anos quarenta, também explícito na presença assídua de crianças na escrita de Jorge de Sena (Fagundes 2003; Antunes 2016).

Considerações finais

Acreditamos que a viagem em Jorge de Sena ainda está longe de concluir o seu itinerário. Verificamos que através do poema-errância Jorge de Sena encontrou caminhos para se encontrar com o mundo, para o testemunhar e para nos devolver a sua visão de cidadão que testemunha, denunciando. Caminhante-errante cidadão, denso, grotesco e interventivo, Jorge de Sena congrega no

poema-errância as subtilezas dos encontros impercetíveis com o mundo, um mundo que se opera no subterrâneo de grotescas existências em suspensão como as das crianças nos poemas “Esgoto” e “Dia de Sol”.

A poesia demarcada ainda por itinerários histórico-transculturais através do tempo e da cultura da Humanidade, conduzem-nos ao poema de viagem que, por sua vez, nos transporta através da viagem infinita da palavra. Neste sentido, pressente-se um outro itinerário que aponta para mais uma viagem, uma viagem num outro tempo e em outro(s) espaço(s) — a viagem pelo tempo da História e pelo espaço da Cultura da Humanidade que continua a oferecer-nos a grandeza da viagem da palavra em Jorge de Sena nos livros *Metamorfoses Seguidas de Quatro Sonetos a Afrodite Anadiómena* de 1963 e *Arte de Música* de 1968, percorrendo e propondo itinerários histórico-transculturais-acrónicos refletindo sobre o passado, o presente e o futuro da Humanidade.

Através do testemunho e do seu inconformismo político-social aliado a uma atividade de criação constante e intensa brotou uma obra vastíssima, repartida pela poesia e pela prosa de ficção narrativa desdobrada pelo teatro, o ensaísmo, a crítica e a tradução (cerca de quarenta volumes), a investigação e a docência universitária preferidas à Engenharia Civil.

Viajante incondicional, de sentidos vigilantes em relação ao mundo que o rodeava, Jorge de Sena escreveria em 1967 o poema “Noutros Lugares” onde expressa a ideia de errância como uma constatação inerente à sua pele e à sua condição de viajante incondicional:

Se do que vi ou tive uma saudade sinto,
feita de raiva e do vazio gélido,
não é saudade, não. Mas muito apenas
o horror se não saber como se sabe agora
o mesmo que aprendi doutra maneira.
E o medo de que a vida seja isto:
um hábito quebrado que se não reata,
senão noutros lugares que não conheço.
21/1/67 (“Peregrinatio ad loca infecta” in Sena 1989a, 89)

Bibliografia

- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. 1990. “Arte Poética – II”. In *Geografia*. Lisboa: Salamandra.
- ANTUNES, Susana L. M.. 2016. “No(s) Silêncio(s) do «Choro de Criança»”. In *Trinta e Muitos Anos de Devoção. Estudos Sobre Jorge de Sena em Honra de Mécia de Sena*, coord. Francisco Cota Fagundes, António A. Igrejas & Susana L. M. Antunes, 551-579. Ponta Delgada: Ver Açor.
- ANTUNES, Susana L. M. 2020. *De Errâncias e Viagens Poéticas em Jorge de Sena e Cecília Meireles*. Porto: Afrontamento.
- BOSI, Alfredo. 1977. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix.
- FAGUNDES, Francisco Cota. 2003. “O Impulso Distópico na Representação da Criança na Poesia de Jorge de Sena: Textos, Contextos, Intertextos”. In *Tudo Isto que Rodeia Jorge de Sena: An International Colloquium*, org. Francisco Cota Fagundes & Paula Gândara, 344-367. Lisboa: Salamandra.
- FAGUNDES, Francisco Cota. 2016. “Da Representação da Cidade do Porto na Poesia de Jorge de Sena”. In *Trinta e Muitos Anos de Devoção. Estudos Sobre Jorge de Sena em Honra de Mécia de Sena*, coord. Francisco Cota Fagundes, António A. Igrejas & Susana L.M. Antunes, 242-295. Ponta Delgada: Ver Açor.
- GILBERT, Roger. 1991. *Walks in the World: Representation and Experience in Modern American Poetry*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- IGREJAS, António M. 2017. *Empenho e Arte. Os Grão-Capitães: uma sequência de contos de Jorge de Sena*. Lisboa: Colibri.
- JACQUES, Berenstein Paola. 2012. *Elogio dos Errantes*. Salvador: EDUFBA.
- KAISER, Wolfgang. 2010. *Lo Grotesco. Su Realización en Literatura y Pintura*. Trad. Juan Andrés García Román. Madrid: Machado Grupo de Distribución.
- SENA, Jorge de. 1988. *Poesia I*. 3ª ed., Lisboa: Edições 70.
- SENA, Jorge de. 1989a. *Poesia III*. 2ª ed. Lisboa: Edições 70.
- SENA, Jorge de. 1989b. *Os Grão-Capitães — uma sequência de contos*. 5ª ed. Lisboa: Edições 70.
- SENA, Jorge de. 2004. *Diários*. Ed. Mécia de Sena. Lisboa: Edições Caixotim.
- SENA, Jorge de. 2011. *Rever Portugal. Textos Políticos e Afins*. Ed. Mécia de Sena & Jorge Fazenda Lourenço. Lisboa: Babel.
- WILLIAMS, Frederick. 1985. “Jorge de Sena: Tudo quanto é humano me interessa” (entrevista conduzida por Frederick Williams em 1978). *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, n.º 149, 14 de maio.